



## Ruy Belo e Agustina – A poesia como convívio e homenagem

### *Ruy Belo and Agustina – Poetry as Conviviality and Homage*

Ana Maria Pereira Soares

Universidade do Porto (UP), Porto/ Portugal

amsoares1819@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9069-8654>

**Resumo:** Neste artigo, procura-se demonstrar que Ruy Belo, que declara abertamente a dimensão hipertextual da sua poesia, é um leitor de Agustina. É feito o cotejo dos romances *O manto* e *Ternos guerreiros* e dos poemas *A margem da alegria* e “Enganos e desencontros”. A observação destes textos permite verificar que o poeta experimenta abordagens diferentes no processo compositivo de cada poema, sempre com o objetivo de superar a temperatura da expressão e de obter uma maior poeticidade. A análise das obras de Agustina permite igualmente verificar que incidem sobre o mal, o medo, a solidão humana, temas cuja reflexão Ruy Belo prossegue num discurso que procura a originalidade e a emoção estética.

**Palavras-chave:** Agustina Bessa-Luís; Ruy Belo; hipertextualidade; influência; leitura.

**Abstract:** This article seeks to demonstrate that Ruy Belo, who openly declares the hypertextual dimension of his poetry, is a reader of Agustina. A comparison is made between the novels *O manto* and *Ternos guerreiros* and the poems *A margem da alegria* and “Enganos e desencontros”. Its observation allows us to verify that the poet tries different approaches in the compositional process of each poem, always aiming to overcome the temperature of expression and to obtain a greater poeticity. The analysis of Agustina’s works also allows us to verify that they focus on evil, fear,

human solitude, themes whose reflection Ruy Belo pursues in a discourse that seeks originality and aesthetic emotion.

**Keywords:** Agustina Bessa-Luís; Ruy Belo; hypertextuality; influence; reading.

## 1 A poesia como um “empreendimento coletivo”<sup>1</sup>

Contestando todos aqueles que, no seu tempo, negavam a influência como uma inevitabilidade no ato de escrita, uma vez que a consideravam incompatível com o talento individual, Ruy Belo proclama repetidamente a dimensão hipertextual da sua escrita, sublinhando igualmente que o verdadeiro poeta é aquele que não só assume a herança dos textos que o precederam como também consegue, no meio dessa pluralidade de vozes e de discursos que continuamente o assombram, encontrar o seu caminho individual. De facto, “[...] só o poeta dotado de musa própria pode consentir influências e tantas mais consentirá quanto mais poeta for” (BELO, 2002, p. 284). Neste sentido, a arte é resultado de um diálogo permanente com o passado, uma construção coletiva em contínua evolução e aperfeiçoamento. Apesar de tudo, o poeta que procura destacar-se dos seus antecessores tem de seguir um percurso de exigência. É necessário povoar-se de palavras, lendo intensivamente, estudando, procurando ter um olhar analítico e um conhecimento aprofundado não só dos antigos, mas também dos seus contemporâneos, a fim de poder construir um percurso próprio. A cultura, tal como o conhecimento da crítica literária e de princípios estéticos e o domínio laborioso da linguagem são condições necessárias à criação da “grande poesia” (2002, p. 286). Outra vertente essencial é a curiosidade do poeta e a sua abertura às diferentes áreas do saber. A estas fontes do conhecimento mais especializadas, o poeta que deseja emancipar-se dos trilhos da tradição, poderá “pedir emprestada a sua linguagem” (2002, p. 286). O material recrutado destas áreas tem potencialidades poéticas extraordinárias, depois de trabalhado arduamente e de testadas as suas virtualidades compositivas, de forma a desencadear efeitos de estranheza capazes de amplificar o impacto estético do verso.

---

<sup>1</sup> “As influências em poesia” (BELO, 2002, p. 284).

É por esta razão que a poesia de Ruy Belo, sucessor assumido dos discursos antecessores, revela a coexistência e a convivência fecunda com uma multiplicidade de vozes, que procurará superar, estabelecendo ruturas para depois experimentar novas sendas e gerar um novo e desconcertante artefacto artístico. A sua escrita é, por conseguinte, um tecido intricado em que confluem e se entrelaçam não só as inúmeras e as díspares leituras do poeta, mas também as suas vivências, aquilo que estudou, “os filmes que viu, as peças a que assistiu” (2002, p. 285).

Não obstante, Ruy Belo alerta que, apesar de a sua poesia poder receber a influência de qualquer domínio do conhecimento, nomeadamente a história, a arte, a literatura, a ciência, nem todos os discursos são merecedores da sua atenção e reverência. Aliás, o poeta vai mais longe e acusa as vozes do passado que não conseguiram ter qualquer ascendência sobre os seus sucessores, pois “ler alguém e não lhe ficar a dever nada é a maior decepção possível” (2002, p. 285). De facto, na sua perspectiva, a influência é essencialmente um “ato de homenagem porque só se é influenciado por um poeta que se admira” (2002, p. 284). Será esta perspectiva sobre a relevância dos discursos predecessores e sobre a criação literária que levará Ruy Belo a eleger Agustina Bessa-Luís como uma das vozes a que presta homenagem e a que procurará dar continuidade, sempre numa perspectiva de convívio mas também de superação, pois o objetivo do poeta tardio é assegurar a originalidade e criar um estilo inconfundível, no qual se pressentem ou mesmo vislumbram ecos das vozes antigas, todavia inseridos numa tessitura nova, de forte impacto estético e poético.

## 2 O romance *O manto*, de Agustina Bessa-Luís

Foi nesta ordem de ideias que Ruy Belo elegeu *O manto*, publicado pela primeira vez em 1961, para proceder a um poético recrutamento vocabular. A sua ressonância faz-se notar no poema-livro *A margem da alegria* e na composição “Os balcões sucessivos sobre o rio”, ambos já amplamente estudados. No entanto, a influência ecoa igualmente no poema “Enganos e desencontros”, que será abordado mais aprofundadamente neste estudo<sup>2</sup>. Para uma melhor compreensão dos motivos que levaram

---

<sup>2</sup> Cf. SOARES, 2017, 2021. De referir que o livro *A margem da alegria* foi concluído em 18 de setembro de 1973; por seu lado, os poemas “Os balcões sucessivos sobre o

o poeta a homenagear e a eleger esta obra como hipotexto de onde selecionou um importante repertório de material compositivo, será fundamental incidir primeiramente a atenção sobre o romance.

O livro é constituído por duas narrativas que evoluem, ao longo de dezassete secções, de forma intercalada e aparentemente desconexa. No manuscrito original, acabado de redigir em março de 1961, a escritora atribuíra-lhe o título *Os outros filhos de Job*<sup>3</sup>, opção que abandonou pouco depois na segunda versão, com o objetivo de sublinhar o pendor enigmático que a obra deveria assumir, “deixando sempre alguma coisa por dizer” (BESSA-LUÍS, s/d, p. 294), tal como salienta o narrador no final. O romance foi, assim, publicado no mesmo ano com o título *O manto*.

Esta obra inicia com o nascimento dos filhos de Job, após todas as tribulações infligidas ao patriarca. Era a sua “nova estirpe”, nascida na velhice, num tempo de nova prosperidade. Porém, depois de ter conhecido o excesso de mal e a mais funda escuridão, Job não conseguia regressar à felicidade do passado: nas suas veias, “a alegria secara” (s/d, p. 7):

Era outra vez honrado na terra de Hus [...]. Sentado à porta da sua tenda, pela primeira vez Job experimentava uma tentação – a de desprezar a fácil tranquilidade dos seus últimos anos, a de voltar os olhos para o luto, o medo, a funesta mensagem donde as suas mais altas razões tinham brotado. (BESSA-LUÍS, s/d, p. 10)

Na verdade, o que se problematiza no romance é o facto de o Deus bíblico não ter restituído ao patriarca “o seu /primeiro estado”<sup>4</sup>. Pelo contrário, fora-lhe concedido um tempo novamente próspero, porém o passado era definitivamente irrecuperável, pois perdera tudo: filhos, mulher, bens e confiança. Job sente-se, por isso, o único sobrevivente desses tempos antigos de plenitude que precederam a sua grande provação, o que o faz sentir-se um estranho no presente. O sentimento de solidão e um imenso cansaço de viver apoderam-se dele, levando-o a desistir de procurar novamente a alegria na segunda prosperidade.

---

rio” e “Enganos e desencontros”, incluídos na obra *Despeço-me da terra da alegria*, foram publicados anos depois, em 1977.

<sup>3</sup> Cf. “Nota editorial” (BESSA-LUÍS, 2016, p. 237-238).

<sup>4</sup> BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2015, 42:10.

Depois de tantas provações, o Senhor voltara outra vez o rosto para ele, limpava o seu corpo da lepra, cobria o campo de vinhas novas, duplicava-lhe as riquezas, dava-lhe outros filhos e filhas. Mas era isto justo? As velhas chagas fecham, mas fica sob a pele uma zona sensível, mais pálida e onde dormita a dor. (BESSA-LUÍS, s/d, p. 9)

A nova geração dos filhos de Job cresce em tempos de abundância, sem sobressaltos nem tribulações, destinada “à paz, aos negócios e aos prazeres” (s/d, p. 9). A narrativa irá centrar-se sobre três dos dez filhos do patriarca. O primogénito, Josué, “de bela presença e génio arrogante” (s/d, p. 76), que decidira tornar-se capitão dos exércitos. Todavia, o espírito irascível e insatisfeito levava-o a constatar que os anos prósperos, sem contendas nem litígios, tornavam a sua aspiração bélica uma ambição vã, e Josué, amaldiçoando o seu destino, deixa-se consumir pela insónia e pela frustração. Torna-se um ser sombrio e instável, e a agitação leva-o a correr até de madrugada, asfixiado pela inutilidade de uma existência sem desafios nem propósito, pois, na sua perspetiva, “o homem não foi feito para a tranquilidade, mas para conquistar a paz” (s/d, p. 79).

Será com duas das belíssimas filhas do patriarca de Hus que se confirmará a enfermidade que corrói a sua segunda estirpe. Ketziah acomodara-se a um quotidiano sem solução. Casada, nutrida, fecunda, deixara-se afundar numa sonolência patológica: “Ketziah [...] engordara tanto, tornara-se tão sonolenta que era preciso picá-la com uma pena de avestruz para que ela não dormisse sobre os filhos quando os amamentava e corresse assim o risco de os sufocar” (s/d, p. 224). Por seu lado, Jemimah, a mais velha das três filhas de Job, constatando a vivência de tédio em que mergulhara a sua irmã, procurava evadir-se desse destino de ociosidade e de aborrecimento que acometera a geração dos prósperos filhos do velho sábio. O casamento com um rico mercador, embora “lhe agradasse muito” (s/d, p. 228), não daria interesse e impetuosidade à sua vida. Jemimah “gostava das situações trágicas, dos lances audaciosos e profundas decisões da alma” (s/d, p. 228). A jovem não se esquecia de Kêtmán, um pastor “esfarrapado e com feridas nas pernas” (s/d, p. 224) que a injuriara depois de ela lhe ter atirado, sem se aperceber, um carço de tâmara. O seu gosto pelas intrigas dramáticas e pela invenção romanesca encontrara nesse incidente um caminho fértil para ocupar a sua ociosidade. Todos os dias procurava reencontrar o pastor, como forma de alimentar a imaginação e de fugir à clausura do tédio. Contudo, depois de descobrir a sua identidade, Kêtmán nunca mais regressou. Jemimah acabaria por

casar com o rico e polido comerciante, “mas nunca lhe foi fiel” (s/d, p. 229). Para fugir do entorpecimento de uma vida feliz e fecunda, “alvejava com tâmaras os tecelões de Belém [...] e ria-se às gargalhadas quando a tomavam por uma prostituta” (s/d, p. 229). Josué, Ketziah e Jemimah testemunham, por conseguinte, a degradação e o sentimento de inutilidade do existir dos “outros filhos de Job”. A extensão do mal é a tal ponto destruidora que acaba por atingir todos os habitantes de Hus, pois a paz e a fecundidade concedida ao velho patriarca trouxeram-lhes a lassidão, a indolência, o tédio. Assim, uma enfermidade sem solução apodera-se dos prósperos: “Os exércitos foram guardados em caixas, o país de Hus há muito tempo não ouve o clarim, as suas mulheres caíram nas imaginações e frequentam os médicos e os adivinhos” (s/d, p. 229).

Uma segunda narrativa, como já foi referido, é intercalada com o relato da degenerescência e do fracasso da segunda estirpe do velho sábio. A ação situa-se no século XX, na cidade do Porto. Nas suas vielas, becos, casas esconsas, vive sórdida a pobreza, a doença, a prostituição, o crime, o rosto da solidão por detrás de janelas incógnitas, a degradação humana nas suas múltiplas dimensões. Entre outras personagens, destaca-se Filipe, um homem de raízes humildes, “inteligente e demasiado mortal” (s/d, p. 16), pois nascera com uma “doença dos nervos que lentamente o ia paralisando” (s/d, p. 15) e o confinava a um cubículo da casa. Estava condenado a uma existência precária, “a pior de todas” (s/d, p. 16), que o amputava das suas ambições e desejos e lhe destinava uma vida breve. Tornara-se, por isso, “o menos sentimental dos homens” (s/d, p. 18) e encarava com desprezo e rispidez a existência, desafiando-a. Lourença encontrara nele o adversário indispensável. Descendente dos antiquíssimos prósperos, luta por fugir do marasmo e da insipidez de um quotidiano que vê aprisionar a sua família numa apatia sem fim. É uma visitadora dos bairros degradados do Porto, e as argumentações desafiadoras de Filipe despertam-na para uma percepção próxima da tragicidade do existir e para a realidade do medo. Aliás, a problemática do medo é alvo de uma reflexão profunda quando vários etnólogos, juntamente com a “mulher de letras” (s/d, p. 212) decidem observar a cerimónia milenar do banho dos infantes, “os três mergulhos rituais que preservam do medo” (s/d, p. 212), na praia de S. Bartolomeu dos Mártires. Um cenário dantesco caracteriza esta romaria na qual se presenciam as mais diversificadas manifestações do medo que atrofiam e degradam a humanidade do homem:

Dante, defronte das caldeiras de pez dos estaleiros de Veneza, ou passeando entre os dispersos sepulcros de Arles, não recolheria inspiração melhor para o Inferno do que ali, na praia de S. Bartolomeu do Mar, na manhã sem cor, no caminho a cujas bordas se deitavam os profissionais da mutilação ou da doença [...] (s/d, p. 216)

### **3 A relação de hipertextualidade com o romance agustiniano**

No seu poema “Enganos e desencontros”, datado de 31 de maio de 1977, Ruy Belo afirma “A vida é como um manto ó Agustina” (2014, p. 850). Este verso confirma a relevância do romance para o poeta. Aliás, verifica-se já a sua forte influência na primeira secção do poema-livro *A margem da alegria*, concluído anos antes, em 18 de setembro de 1973. A ressonância d’*O manto* continuará a reverberar em duas composições poemáticas publicadas em 1977, no livro *Despeço-me da terra da alegria*: “Os balcões sucessivos sobre o rio” e “Enganos e desencontros”. Será sobre este último, em correlação com o poema longo *A margem da alegria*, que se incidirá mais particularmente a atenção, uma vez que existem aspetos em comum.

O quadro seguinte (QUADRO 1) permite observar o trabalho de seleção vocabular feito pelo poeta no hipotexto agustiniano assim como as diferenças e coincidências, as opções e as estratégias compositivas que utiliza em cada um dos hipertextos.

Quadro 1 - Diferenças e coincidências

<b>O manto, Agustina Bessa-Luís</b>	
“[...] <i>as raparigas embrenhavam-se num silêncio pesado como uma bofetada</i> , quando o encontravam no caminho” (s/d, p. 24).	
<b><i>A margem da alegria</i>, Ruy Belo</b>	<b>“Enganos e desencontros”, Ruy Belo</b>
“em castelos talvez de paredes ou muros devorados pela hera [...] onde <i>as donzelas ingressavam em silêncios tão cingidos como certas árvores</i> ” (2014, p. 557).	“Eu canto as tardes frescas quando nas repartições nos não congregam os cuidados e as longas alamedas se acumulam de flores vermelhas <i>e as donzelas se embrenham em silêncios tão pesados como bofetadas</i> ” (2014, p. 850).
<b>O manto, Agustina Bessa-Luís</b>	
“Um cortejo de <i>mulheres perdidas</i> que faziam um peditório em regra para o Mário do violino; ele caminhava no meio, amparado por <i>duas rameiras</i> com laços e <i>pentes de pedras no cabelo</i> , e <i>saías de baixo lilases e amarelas, a ver-se</i> . [...] Mas que efeito, aquela chusma de <i>galdérias, pintadas</i> [...]. Mas não podia dizer que era infeliz, Purinha. Não desconhecia que era bela, que possuía [...] um <i>rosto</i> largo e apaixonado, dum moreno a que se <i>mistura o violeta e o verde-maçã</i> [...]” (s/d, p. 27-29).	
<b><i>A margem da alegria</i>, Ruy Belo</b>	<b>“Enganos e desencontros”, Ruy Belo</b>
“nalguns finais de tardes com o sol envolto já em nuvens sobre a terra indecisa agressiva porém nos seus perfumes penetrantes à hora em que <i>magníficas mulheres</i> como <i>a de sacher-masoch</i> põem <i>pentes nos cabelos e variados tons ostentam em seus rostos</i> ” (2014, p. 557).	“Canto <i>as rameiras</i> que usam <i>nos cabelos uns pentes de pedras</i> e se lhes vêem as saias de baixo amarelas e lilases e há mulheres nobres de <i>rostos com tons de um verde-maçã e violeta</i> ” (2014, p. 850).

Fonte: Elaboração própria

Como é possível constatar, o poeta estabelece um diálogo fecundo com o romance de Agustina, de onde excisa material compositivo para depois o trabalhar e recriar, quer usando a mesma seleção quer fazendo novos recrutamentos vocabulares, ao sabor das imposições compositivas. As opções são diversificadas, consoante as necessidades impostas pelo verso em progressiva construção. Uma análise da relação entre *O manto* e *A margem da alegria* revela que o poeta opera um verdadeiro britamento do texto antecessor para mais tarde, desenraizadas as palavras do seu contexto primitivo, surgirem disseminadas num novo artefacto

capaz de desencadear a emoção estética. Esta estratégia tem também como resultado o acréscimo do grau de codificação da influência e da dificuldade na sua detecção por parte do leitor ou crítico. Nos exemplos transcritos, observa-se que Ruy Belo opta por “donzelas”, em vez de “raparigas”; “ingressavam”, em vez de “embrenhavam-se”; “magníficas mulheres como a de *sacher-masoch*”, em vez de “rameiras”; “variegados tons ostentam em seus rostos”, em vez de “rosto [...] a que se mistura o violeta e o verde-maçã”. Por outro lado, a comparação “silêncio pesado como uma bofetada” é substituída por outra de impacto estético e poético mais elevado: “silêncios tão cingidos como certas árvores”.

Todavia, verifica-se que o processo compositivo é diferente no hipertexto “Enganos e desencontros”, publicado anos depois. O poeta já recorre a menos substituições e experimenta uma estratégia que dá visibilidade à influência: o enxerto de segmentos de maiores dimensões, mais próximos do texto antecessor. Apesar de tudo, esses segmentos continuam a ser alvo de um trabalho igualmente moroso e preciso. O poeta desenraíza as palavras ou as expressões e implanta-as cirurgicamente em contextos e em vizinhanças inesperados, criando contrastes de forte poeticidade, nomeadamente: entre o ambiente citadino e entediante das “repartições” e um *locus amœnus* em que donzelas devaneiam imersas nos seus pensamentos e em silêncios profundos, ao longo de alamedas cobertas de “flores vermelhas”. Outro contraste de elevada intensidade poética é criado pelas “rameiras” cujos enfeites nos cabelos e indumentária apelativa o sujeito poético celebra, salientando ao mesmo tempo os seus rostos, “com tons de um verde-maçã e violeta”, nos quais transparece a nobreza (“e há mulheres nobres”) e a dignidade do belo. Ora, este retrato entra em oposição com aquele que a romancista traça, uma vez que coloca em evidência o lado grotesco da existência e da degradação do homem.

#### 4 Outros diálogos com o discurso de Agustina

A leitura e a valorização da escrita desta autora não se limita ao livro *O manto*. Na composição “Enganos e desencontros”, na qual o poeta a interpela diretamente, é possível encontrar outros momentos que demonstram o quanto Ruy Belo apreciava a obra desta escritora sua contemporânea, confirmando-se a relação privilegiada de convívio e de homenagem que defendia no artigo sobre a influência em poesia (2002, p. 284). Com efeito, Ruy Belo não leu unicamente *O manto*.

Outras produções da romancista mereceram a sua atenção e integraram o repositório de material que selecionava criteriosamente para depois moldar ao sabor dos imperativos compositivos. Um desses textos é o conto “O baile dos archotes”, publicado em novembro de 1959, na revista *Tempo presente*<sup>5</sup>, que a escritora decidirá incluir, meses mais tarde, no romance *Ternos guerreiros*, publicado em 1960, gerando uma rutura abrupta e desconcertante relativamente à narrativa principal. Ressonâncias quer do conto quer do romance no qual foi incluído reverberam no poema “Enganos e desencontros”.

“O baile dos archotes” aborda a interminável insónia do rei D. Pedro, incapaz de regressar à terra da alegria, situada na sua infância e no tempo em que conhecia a plenitude do amor junto de Inês<sup>6</sup>. O rei vive o presente como abismo e inquietude que procura desesperadamente ultrapassar, tentando criar novamente a alegria. Todas as noites, sob a luz dos archotes, dançava no meio da multidão, acreditando que esses bailes “animariam o seu coração velho e desesperado” (BESSA-LUÍS, 2010, p. 339). Porém, cedo se apercebe da vanidade dessas noites de bailação em que ia “distribuindo moedas e vergastadas” para aplacar o desespero da sua solidão e reencontrar a alegria, pois era tudo uma ilusão: “Não havia a terra da alegria” (2010, p. 340).

Ora, como já se referiu, Agustina decide inserir de forma inesperada esta narrativa, situada no século XIV, sobre a busca sem solução da terra da alegria, na narrativa principal, cujas personagens se movimentam em pleno século XX. Tal inserção acentuou o carácter algo enigmático da obra. Com efeito, o romance centra-se em Domingos, um seminarista, e em Porfírio que o elege como seu confidente. Por causa dessa relação, que o vai fazendo sentir-se cada vez mais vulnerável e fragilizado, Porfírio vive dividido entre o rancor, o tédio, o medo e a necessidade desesperada de ter a certeza de que não precisava do seu interlocutor. Na verdade, “pensava sempre na morte do outro quando se

---

<sup>5</sup> Ruy Belo terá tido conhecimento deste conto quando foi publicado autonomamente na revista *Tempo presente*. De notar que “O baile dos archotes” é também um dos hipotextos utilizados n’*A margem da alegria*.

<sup>6</sup> “— Ah a alegria de quando eu era menino! E os amigos que me beijavam no rosto e corriam comigo o páreo nas praias, os meus inocentes amigos onde estão?”; “Conhecia-a muito bem, àquela amada criatura, com cabelos louros e sorriso dócil” (BESSA-LUÍS, 2010, p. 335 e 336).

confiava a ele” (2010, p. 65), por isso, Porfírio acabará por matar o seu confidente, para recuperar uma liberdade que redescobre imediatamente depois do ato temerário: “Percebeu então que estava livre; a voz do seu interlocutor, nem mesmo se lembrava dela” (2010, p. 352).

Tal como *O manto*, *Ternos guerreiros* problematiza igualmente a questão do medo, como o único sentimento verdadeiro que permanece em todo o homem, acima das “histórias de amor ou de vingança, de fraternidade e de consolação”, todas elas marcadas pela falsidade e pela calúnia (2010, p. 348). Enquanto “ternos guerreiros”, os homens apenas terão como resposta, no termo do seu percurso vital, o mais puro medo. Por que razão? Porque esse “Interlocutor” último, esse “Confidente”<sup>7</sup>, está em fuga, e o seu terrível emudecimento faz pressentir o abandono do homem e a sua precariedade existencial.

*Ternos guerreiros* debruça-se, por conseguinte, sobre a solidão diante do silêncio imperturbável e mesmo implacável do Confidente, silêncio revelador do seu definitivo esquecimento. O mundo contemporâneo, crente no progresso e na evolução científica, recalcou a memória desse sentimento de desolação e de desamparo, em resultado do desaparecimento e da incomunicabilidade absoluta do Interlocutor. Por isso, o “papel do artista é o de reformar o mito do impossível e o de criar a tragédia” (BESSA-LUÍS, 2010, p. 9), não deixando o homem esquecer a sua orfandade criatural. Pastores, poetas, artistas, todos eles, na perspetiva de Agustina, são verdadeiramente ternos guerreiros (2010, p. 7). As suas vozes não deixam esquecer a tragédia humana e propagam-se no vazio através dos tempos, interpelando o “silêncio terrível” do Interlocutor (2010, p. 10).

Neste sentido, como “terno guerreiro”, Ruy Belo assume plenamente essa missão, problematizando na sua poesia a mesma angústia e a mesma inquietude do homem que tem consciência da sua vida efémera e precária. No seguinte cotejo (QUADRO 2), como se poderá verificar, é relevante a homenagem e o debate a que Ruy Belo dá continuidade:

---

<sup>7</sup> “Prefácio” (2010, p. 8 e 10).

## Quadro 2 - Continuidade

<b>Ternos guerreiros, Agustina Bessa-Luís</b>	<b>“Enganos e desencontros”, Ruy Belo</b>
<p>“Era extraordinário pensar que, enquanto <i>uma criança, quase ainda só convencida de que tinha uma vida</i>, mas não de que era vida política ou vida moral, corria na companhia do belo <i>herói de Ítaca</i> e se cobria com o seu <i>manto gotejante das águas tirrenas</i>, havia um mundo que estava a preparar a ciência que isolava o homem dessa criatura meio mitológica – <i>o buscador de si próprio</i>” (2010, p. 56).</p>	<p><i>Quem se busca a si próprio</i> bruscamente afasta o <i>manto gotejante das águas tirrenas</i> do <i>peregrino pertinaz de Ítaca</i> ou da <i>criança apenas convencida da recente vida</i> sem bem conhecer afinal como conseguida</p>
<p>“Ali estava ele, <i>adolescente, com um livro aberto</i> diante do rosto e nele <i>as grandes massas de instinto</i>, da <i>perduração e do risco</i>, movendo-se <i>no coração dos grandes homens</i>. A virtude, ora cruel ora doce, bate-lhe na frente, <i>no ritmo dessa profunda narrativa</i>; os deuses e os escravos, a glória e a vingança, a generosidade e o infortúnio, possuem uma <i>vibrante e única realidade</i>” (2010, p. 56).</p>	<p>A útil única e <i>vibrátil</i> vida que no ríspido rigor <i>real</i> ainda <i>vibra</i> no quente <i>coração dos corajosos homens</i> ao ritmo de <i>uma néscia narrativa</i> provém dos livros <i>desse adolescente aberto às grandes massas do instinto e do risco</i> dificilmente tributáveis pelo fisco” (2014, p. 855-856).</p>
<p>“<i>Nada há a acrescentar aos deuses, quase não há também nada que lhes invejar</i>” (2010, p. 56).</p>	<p>“<i>Se aos deuses nada há a acrescentar pouco lhes há também a retirar e muitas vezes mesmo a invejar</i>” (2014, p. 856).</p>
<p>“Já não lhe fazia falta <i>o confidente</i>, esse doce <i>espectro do desespero humano</i>. Uma vez contara-lhe, lembrava-se ainda, que <i>amava uma rapariga</i> muito <i>infortunada</i>, simplesmente para observar nela a <i>ressurreição lenta</i> [...]” (2010, p. 59).</p>	<p>“<i>Esse espectro do nosso desespero o confidente amara apenas essa rapariga</i> para a emancipar do <i>infortúnio</i>” (2014, p. 857).</p>
<p>“– (...) O calor faz brilhar as minhas <i>penas</i>, e o meu <i>voo</i> cobre o sol. <i>Sou então como um sol branco e maior</i>. – Sim, sim... – dizia a outra. Um ralo que acabava de escapar das suas patas ficou ofegante a ver como aqueles dois caniços se afastavam. ‘<i>Como cresceu já o trigo! Estou velho, estou velho!</i>’ – pensou” (2010, p. 338).</p>	<p>“<i>As aves são um sol branco e maior</i> sobre o <i>trigo que cresce</i> e que decrece como o homem que nasce e nascendo <i>envelhece</i>” (2014, p. 858).</p>

<b><i>Ternos guerreiros, Agustina Bessa-Luís</i></b>	<b><i>“Enganos e desencontros”, Ruy Belo</i></b>
<p>“A cidade estava já em levante, <i>revestiam-se de veludo as fachadas, e os ladrões rondavam vivamente, porque era a ocasião de penetrarem nas habitações abandonadas. A multidão, com as suas tochas de resina, encheia as ruas onde o rei Pedro dançava [...]</i>” (2010, p. 340-341).</p>	<p>“As casas as fachadas tudo se reveste de veludo e casa por ladrões rondada é casa roubada E a resina arde em meio da multidão que enche as ruas onde então já danço” (2014, p. 858).</p>

Fonte: Elaboração própria

Usando o mesmo repertório de textos poemáticos anteriores ou fazendo novos recrutamentos vocabulares, Ruy Belo vai experimentando caminhos diferenciados, como se poderá observar. Torna-se novamente evidente a abordagem experimental de conferir maior visibilidade à influência, sem deixar, todavia, de utilizar dispositivos diversificados que visam a originalidade e a criação de versos de forte ressonância poética e estética. Assim, através do recurso a múltiplos efeitos que se sucedem cumulativamente, faz ressaltar a cadência e a musicalidade dos versos, as contiguidades surpreendentes, a poeticidade de cada palavra novamente criada porque inserida em vizinhanças imprevistas que resultam no aumento da temperatura da expressão.

Nos excertos transcritos, constata-se que o poeta submete os segmentos excisados cirurgicamente do hipotexto agustiniano a diversificados processos compositivos, nomeadamente o jogo com: as aliteraões (“no *ríspido rigor real*”; “no *quente coração dos corajosos homens*”); a alternância dos sons nasais (“*criança convencida da recente vida*”); a repetição de sons vocálicos (“a *útil única e vibrátil vida que / no ríspido rigor real ainda vibra*”); a experimentação de combinatórias de vocábulos de maior impacto estético e poético (“livros desse adolescente aberto” vs “adolescente com um livro aberto”); o recurso a contrastes (“acrescentar” vs “retirar”; “cresce” vs “decrece”; “nasce” vs “envelhece”); exercícios lúdicos, envolvendo palavras ou sonoridades que geram máximas intemporais (“o trigo que cresce e decrece / como o homem que nasce e nascendo envelhece”; “e casa por ladrões rondada é casa roubada”).

#### 4 Considerações finais

Após o que foi exposto, poder-se-á concluir que há um diálogo fecundo de Ruy Belo com Agustina Bessa-Luís em várias produções poemáticas, escritas entre 1973 e 1977. Selecionando poeticamente as palavras, o discurso de Agustina vislumbra-se no verso, entrelaçado com outros discursos. A análise dos poemas permitiu constatar que Ruy Belo, mesmo utilizando o repertório recrutado de um único hipotexto agustiniano, procede a abordagens diferentes, testando as palavras e as suas contiguidades, ensaiando caminhos de originalidade e de estranheza, a fim de despoletar a emoção estética. Do poema-livro *A margem da alegria* até “Enganos e desencontros”, o poeta revela uma evolução: de uma estratégia de mais elevada codificação da influência para uma abordagem que privilegia a maior visibilidade do hipotexto. Não obstante, trata-se de uma visibilidade invisível, dado que as pistas sobre o hipotexto surgem imersas entre inúmeras outras pistas. Não é raro o poeta convocar figuras da arte, da literatura, do cinema, de uma multiplicidade de outros domínios. Trata-se de uma estratégia de dificultação do reconhecimento da influência com a qual o poeta se compraz frequentemente, procurando desorientar e confundir o leitor. Por outro lado, ao experimentar segmentos de maior extensão, sujeita-os a inúmeras transformações e implanta-os em contextos diferenciados, nos quais se transfiguram e desenraízam dos sentidos que possuíam no texto precedente. Esta estratégia hipertextual, que utiliza em particular em “Enganos e desencontros”, demonstra, por um lado, que o poeta continua o seu trabalho de incansável experimentação sobre as virtualidades da linguagem, procurando sempre a sua amplificação poética e estética; e, por outro, que a forma como se relaciona com os discursos antecessores ou seus contemporâneos é cada vez mais assente no princípio de que os textos estão em permanente diálogo entre si e que cabe ao poeta tardio, que recebeu como pesada herança essa imensidade de vozes, encontrar um caminho individual no qual se distinga por sua originalidade e por uma voz própria.

Finalmente, a influência observa-se igualmente na reflexão sobre o mal, a solidão humana, o medo. Estas problemáticas, debatidas pelos autores do passado, refletem-se na escrita de Agustina e são igualmente ruminadas por Ruy Belo. Os discursos entrelaçam-se e dialogam entre si, porque estão unidos num mesmo esforço, o de despertar o homem para a evidencia da sua tragicidade no tempo, exposto ao imponderável, sem

uma presença que o reconheça e resgate. O seu percurso vital é apenas o de uma criatura cuja voz sem interlocutor se propaga e ingloriamente desvanece no vazio. Resta-lhe, no fundo da sua precariedade, o medo, sentimento que prevalece sobre a vanidade de todos os outros diante do mal como aniquilamento absoluto.

## Referências

- BELO, Ruy. *Na senda da poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- BELO, Ruy. *Todos os poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *O manto*. Lisboa: Bertrand, s/d.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *O manto*. Lisboa: Babel, 2016.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *Ternos guerreiros*. Lisboa: Babel, 2010.
- CARLOS, Luís Adriano. Ruy Belo: Génio e sublime na poesia portuguesa contemporânea. *Cauriensa. Revista anual de Ciências Eclesiásticas*, [S. l.], v. 15, p. 691-712, 2020. Disponível em: <https://www.cauriensa.es/index.php/cauriensa/article/view/440>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- ELIOT, T. S. *Los poetas metafísicos y otros ensayos sobre teatro y religión*. Buenos Aires: Emecé Editores, S. A., s/d.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. A. T. *Job*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SOARES, Ana Maria Pereira. *A alegria e o mal em Ruy Belo: estudo da composição hipertextual d'A Margem da Alegria*. Dissertação de doutoramento. Porto: Universidade do Porto, 2017.
- SOARES, Ana Maria Pereira. A influência ou “Os balcões sucessivos sobre o rio”, de Ruy Belo. *Texto Poético*, Universidade Federal de Goiás, v. 16, n. 30, p. 161-183, 2020. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/635>. Acesso em: 27 dez. 2022.
- SOARES, Ana Maria Pereira. Influência e superação na poética de Ruy Belo. *Texto Poético*, Universidade Federal de Goiás, v. 17, n. 32, p. 109-124, 2021. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/742>. Acesso em: 27 dez. 2022.